
ESTRATÉGIA PSICOLÓGICA

José Luís Almiro Canêlhas

ESTRATÉGIA PSICOLÓGICA (*)

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O tema **ESTRATÉGIA PSICOLÓGICA** é muito vasto porque ele consubstancia e traduz o essencial de todos os tipos de luta, desde a guerra nuclear, passando pela guerra fria, pela guerra convencional, e chegando ao simples terrorismo. Todas as guerras, revoluções e conflitos são afinal lutas psicológicas, lutas de vontades, em que cada contendor procura vergar e dominar a vontade do adversário.

Já Napoleão dizia que, na guerra, $\frac{3}{4}$ da vitória eram devidos às forças morais. E, nos nossos dias, numa escola de Estado-Maior da China ensina-se que a guerra é composta por 70 % de propaganda e 30 % de esforço militar.

Relacionando a estratégia psicológica com outros tipos de estratégia, podemos dizer que a estratégia psicológica, juntamente com a estratégia política, estratégia económica e estratégia militar, são ramos interdependentes da estratégia total.

A estratégia psicológica exprime-se em geral através da propaganda, mas ela pode revestir-se de várias outras formas, chegando a confundir-se com as estratégias política, económica e militar. Por outras palavras, há acções de carácter político, económico e militar, que têm por objectivo a realização de uma certa estratégia psicológica.

Às vezes sucede, como veremos, que a estratégia psicológica actua em divergência com outras estratégias, o que é grave e revela descoordenação e incoerência ao nível político-governamental.

Para analisarmos um pouco mais profundamente o problema da estratégia psicológica, começaremos por recuar no tempo, visto que o presente nunca tem explicação sem o passado.

(*) Conferência proferida no Instituto da Defesa Nacional, em 15 de Dezembro de 1982, pelo general José Luís Almiro Canêlhas.

É evidente que o vector psicológico, que às vezes se apresenta como um resultado das novas doutrinas e das aperfeiçoadas técnicas psicológicas, utilizando os modernos meios de comunicação social, é, afinal, tão velho como a própria humanidade.

Desde sempre, a par da ameaça e da violência material (ou em complemento dessas acções), os homens utilizaram a astúcia, a persuasão, a intriga, o terror, para desmoralizar o adversário ou para estimular o ânimo dos seus combatentes e das suas populações.

Há curiosos acontecimentos históricos em que predomina o emprego da componente psicológica como, por exemplo, a conquista da Grécia por Filipe II da Macedónia, a guerra da Gália conduzida por César, a pacificação da Vendeia realizada pelo General Hoche, a ocupação da Áustria, por Hitler, em 1938, a derrocada da estrutura político-militar da França em 1939 e, já na actualidade, as guerras da Indochina, Argélia, Vietname, Angola, Moçambique, etc. ...

Em todos estes conflitos pode dizer-se que a parcela de esforço psicológico aplicada não foi inferior à do esforço militar. E que houve acções violentas realizadas exclusivamente com objectivos psicológicos.

Há, contudo, um acontecimento histórico que deve ser realçado porque dá à estratégia psicológica uma dimensão e características excepcionais, que haveriam de ter enormes repercussões no futuro da humanidade: A REVOLUÇÃO FRANCESA.

Aqui surgiram os novos conceitos de NAÇÃO ARMADA e de LEVANTAMENTO EM MASSA, em que os factores psicossociais passaram, obviamente, a ter uma influência fundamental nas decisões políticas e nas decisões militares.

Verificou-se, então, um espectacular desenvolvimento da propaganda, alimentada pelas ideias de «luta de classes», direitos e liberdades, etc. E de toda esta conjuntura resultou uma profunda alteração na concepção estratégica da guerra.

Foi Clausewitz, general prussiano, que, estudando este período da história, especialmente as campanhas napoleónicas que se seguiram à revolução, escreveu o tratado «Da Guerra» no qual enunciou, pela primeira vez, o conceito de Guerra Total, que é afinal o tipo de guerra que no mundo de hoje mais se pratica.

Dizia ele: «Na arte da guerra deixaram de intervir apenas os factores especificamente militares. Neia passaram a integrar-se todos os factores: económicos, diplomáticos, psicológicos, sociais, etc., susceptíveis de intervirem no resultado das operações.»

Meus Senhores:

Permitam-me um breve parêntesis, neste aligeirado percurso histórico, para uma pequena reflexão.

Passaram quase dois séculos sobre estes enunciados de «Guerra Total», e ainda hoje um dos graves problemas do Ocidente é que muitos governantes e chefes militares não compreendem este conceito estratégico. E não precisamos de ir mais longe. Nós, os portugueses, nunca o assimilámos suficientemente. Nem durante os 20 anos de guerra que suportámos no Ultramar, nem depois dela. Abordaremos este assunto, à frente, com um pouco mais de pormenor.

Voltando agora a Clausewitz: é dele esta frase genial e muito citada: «A guerra é a continuação da política por outros meios.» Mais tarde, Lenine aproveitou este conceito e concluiu: «então a política também é a continuação da guerra», dando assim à guerra moderna um carácter de PERMANÊNCIA.

A seguir vem Estaline, que afirma: «Se queremos acabar depressa com o capitalismo e apressar, portanto, a vitória do comunismo, reparemos que a máquina, instrumento do capitalismo, não se alimenta apenas de operários, mas também de matérias-primas.» Ora estas existem por todo o Mundo, e assim, a guerra, que já havia sido definida como «total», por Clausewitz, e «permanente», por Lenine, tornou-se, com Estaline, UNIVERSAL.

É a isto que se chama a Guerra Revolucionária. Portanto, TOTAL, PERMANENTE e UNIVERSAL, assumindo nela, a componente psicológica, uma função de grande relevo.

Marx admitiu que «A guerra é militar em última instância. A sua sorte decide-se, antes de tudo, nos «fronts» da guerra económica e psicológica».

Repare-se nesta afirmação de Lenine pelas concepções que revela: «Dentro de 50 anos os exércitos não terão mais necessidade de se bater. Nós

teremos minado suficientemente os nossos inimigos para que não seja mais necessária a intervenção militar.» Isto é a clara apologia da guerra psicológica.

E Vichinsky, em 1954, do alto da tribuna da ONU, lançou para o Mundo este desafio surpreendente: «Nós não venceremos o Ocidente por meio da bomba atômica. Nós venceremos o Ocidente com qualquer coisa que o Ocidente não compreende: as nossas cabeças, as nossas ideias, as nossas doutrinas.»

Esta frase confirma a estratégia psicológica atrás enunciada por Lennine. Não há realmente, como atrás se disse, nenhum conflito da história contemporânea em que a estratégia psicológica não assuma uma importância vital e, por vezes, até decisiva, dentro dos conceitos de estratégia directa, ou de estratégia indirecta. Assim:

— A estratégia psicológica interveio na I Grande Guerra (1914-1918), não só na exploração de algumas operações militares mas principalmente na mobilização de grandes exércitos e na manutenção do moral.

— Foi depois, cerca de 1933, instrumento privilegiado do nazismo. Nele se atinge o auge da propaganda demagógica dirigida ao inconsciente colectivo das massas. Utilizaram-se os grandes mitos, as grandes Ideias-Força, as grandes mentiras, e puseram-se em acção eficazes técnicas de propaganda, através de processos espectaculares, como paradas militares, desfiles e manifestações, que envolviam grandes multidões sensibilizadas e arrebatadas pela fascinação dos «slogans» e dos símbolos, que produziam nelas os efeitos de «unanimidade e de contágio.»

Disse Hitler: «Foi a propaganda que nos conquistou o Poder. Ela nos ajudará a conquistar o Mundo inteiro.»

— Pela mesma altura na China, em 1934, Mao Tsé-Tung iniciou a grande marcha de fuga para o Norte (Manchúria) em condições extremamente penosas: partiram 120 000 pessoas. Chegaram ao destino 45 000, tendo percorrido 10 000 quilómetros num ano. Mas era tal o vigor psicológico deste chefe que, nessa mesma marcha, ele foi agitador e semeador de ideias, lançando as bases da ulte-

rior campanha em que venceu Tchang-kai-Chek, militarmente muito superior. Vejamos de que forma:

Dizia M. T. T. que no seu exército cada homem era soldado, monge e professor. Em «A Nova Democracia» escreveu: «É impossível conseguir a vitória sem uma mobilização política do povo.» E ainda esta frase muito conhecida: «O exército vermelho mergulha no vasto oceano das massas com as quais se funde. O Exército vermelho sem a população não seria mais do que um guerreiro maneta. A população é para o exército o que a água é para o peixe.» Mao-Tsé-Tung deu à guerra revolucionária um desenvolvimento doutrinário que havia de fazer escola em todo o Mundo e conseguiu com ela sucessos verdadeiramente espectaculares.

Aqui a estratégia psicológica foi, uma vez mais, e mais do que nunca, o factor determinante da vitória final, fazendo depender dela todas as outras estratégias.

— Na guerra 1939-1945 pode dizer-se que não houve operação militar que não fosse acompanhada de acção psicológica.

Mas, ainda aqui, e só até aqui, o que decidiu a vitória, ou a derrota, foi sempre a operação militar armada.

— Depois da II Grande Guerra não voltou a haver conflito generalizado, envolvendo frontalmente grandes nações, mas a verdade é que também não voltou a haver paz no Mundo: guerra fria, guerras de libertação, guerras limitadas, conflitos internos, golpes de Estado, terrorismo, e a exploração psicológica sistemática de todos estes acontecimentos, alteraram profundamente a fisionomia mundial nestes últimos 37 anos.

Talvez mais do que se tivesse havido uma terceira guerra mundial do tipo da II Grande Guerra.

Após 1945, com o fim dos grandes impérios inglês e francês e com a derrota da Alemanha, ficaram face a face no Mundo, em permanente conflito de interesses, objectivos e ideologias, dois grandes blocos, liderados por duas superpotências com visão messiânica: Rússia e EUA.

O resultado do confronto salda-se, até agora, em vantagens nítidas para o bloco Leste. E esse sucesso deve-se à sua política e correspondente

estratégica indirecta caracterizada pela guerra revolucionária, tendo como componente principal a guerra psicológica, ou seja, a PROPAGANDA. Vivemos no «Século da Propaganda».

Um estrategista do nosso tempo disse:

«Na impossibilidade de se enfrentarem frontalmente, os grandes poderes optaram por uma estratégia indirecta — a luta pelo resto do Mundo — em que a guerra psicológica é o elemento essencial.»

E o General Beaufre na sua «Introdução à Estratégia» afirma:

«A estratégia indirecta é o melhor antídoto contra a paralisia nuclear.»

Não tem sido feliz o Ocidente na forma como tem respondido à guerra revolucionária conduzida pela China, Rússia, e outros países de Leste.

Carlos Lacerda refere-se a este facto ao prefaciар o livro «Em Cima da Hora», de Suzane Labin, publicado em 1964, nos seguintes termos:

«O Ocidente morrerá de uma psicose que se chama o complexo de Marte e que consiste em só ver, só compreender, só temer a grande guerra quente e deixar inteiramente descoberta a frente decisiva: a da guerra subversiva conduzida pelo mundo de Moscovo...

O Ocidente preocupa-se em armar o braço, deixando passivamente que o adversário lhe desarme o espírito.»

Essa incapacidade é muito objectivamente reconhecida pelo ex-presidente Nixon, no seu livro «A Verdadeira Guerra», principalmente a propósito do insucesso do Vietname.

Mas esta situação não se limita aos EUA, que têm a desculpa de ser uma nação jovem, que se mostra um tanto ingénua e incauta perante a experiente argúcia dos seus adversários.

A própria velha Europa tem sossobrado, quase sistematicamente, quando é arrastada para o campo da guerra psicológica, executada num contexto geral de guerra revolucionária. Veja-se a França na Indochina e na Argélia e, logo a seguir, Portugal, em África.

O General francês Nemo, num assomo de perplexidade, comentava nos seguintes termos o chamado «paradoxo da guerra».

«As guerras no Ultramar, após 1945, evidenciaram o revés do forte perante o fraco, do carro perante a mina, do obus diante da espingarda, da inteligência abstrata perante a inteligência concreta, da força em relação à paciência, da riqueza em face da pobreza, do material complexo perante o homem de mãos vazias.

As civilizações que pareciam em atraso levam-nos a descobrir novas formas de guerra, e impuseram-nos essas formas quando ainda estávamos mal preparados para as aceitar.»

É um escritor argelino refugiado em França, ao observar a reacção do exército francês às acções de guerra subversiva na Argélia, logo no início do movimento, comentou:

«A França está em riscos de perder a guerra pelo simples facto de que, fazendo os rebeldes uma guerra psicológica (por muito sangrenta que ela seja), a resposta ser à base da guerra clássica que cai no vazio.»

Estamos perante aquilo que alguém chamou a «manobra pela lassidão». Trata-se de um processo subtil que consiste em levar o adversário, muito mais forte em meios militares, ao desgaste moral e à exaustão, empregando meios reduzidos, mas dispondo de liberdade de acção e capacidade para durar, mesmo em circunstâncias desfavoráveis.

A operação desenvolve-se, portanto, essencialmente, no plano moral e psicológico.

E essa manobra não se desenrola apenas nos teatros de operações onde há operações militares ou onde actua a guerrilha.

Para conduzir à abdicação, ao desânimo e à consequente derrota moral, atinge a chamada «Frente Interna» onde se encontram os centros de decisão, e atinge toda a população que, com o seu sacrifício, suporta ou pode vir a suportar a guerra.

Nixon afirma no livro a que já me referi que a guerra do Vietname foi perdida nas salas do Congresso e queixa-se amargamente das campanhas de opinião contra a guerra, desencadeadas pelos órgãos de informação, os quais, segundo afirma, contribuíram, substancialmente, para a derrota e para o vexame do seu país.

E nós, Portugueses?

Nós Portugueses recebemos da experiência da Indochina, Argélia e Vietname muitos ensinamentos, que não aproveitámos convenientemente. E tivemos, nessa mesma época, a nossa primeira experiência de guerra subversiva, conduzida do exterior, em Goa, Damão e Diu, que durou 5 anos, na qual, contudo, o adversário não logrou alcançar sucesso. Prova disso é que a União Indiana teve então de recorrer à invasão armada, em Dezembro de 1961, cuidando, no entanto, de salvar a face, a respeito da sua filosofia pacifista, adoptando uma estratégia psicológica curiosa que consistiu em invadir os territórios portugueses com um potencial bélico em terra, mar e ar, esmagador e flagrantemente desproporcionado para a acção (cerca de duas vezes). E isto, especialmente, para evitar causar baixas às nossas tropas. Desmoronou, desmoralizou e conduziu, portanto, uma guerra psicológica empregando meios convencionais. É um exemplo curioso de uma operação militar com objectivos psicológicos.

Pois apesar de todos os ensinamentos que recolhemos, nossos e alheios, quando surgiram as guerras de Angola, Guiné e Moçambique, cometeram-se grandes erros políticos e estratégicos, designadamente no campo psicológico.

Apenas um exemplo relativo a um dos sectores mais sensíveis — a informação pública. A população portuguesa nunca foi minimamente esclarecida acerca da natureza da guerra e do seu desenvolvimento. Temia-se a consciencialização. Por isso a atitude geral da Nação era de incompreensão, condenação e até de calúnia dos que combatiam e às vezes morriam.

Lembro-me que um dia, em 1964, foi proposto pelo EME ao SGDN o envio para os jornais de algumas fotografias de actividades militares. O despacho que mereceu a proposta apresentada pelo EME foi o seguinte: «Não é conveniente a difusão de imagens bélicas.» Julgo que este exemplo é suficientemente elucidativo da errada estratégia psicológica na «frente interna». Denota, até, contradição entre estratégia política e estratégia psicológica. A estratégia política de então considerava a guerra como única forma de fazer face à subversão; a estratégia psicológica escondia essa guerra à população, que a tinha de alimentar com meios humanos e materiais, durante muito tempo.

Porém, a situação era decepcionante porque uma quantidade considerável de petróleo ainda se encontrava sob a areia. Acorreu menos 1 milhão e meio de veraneantes do que era normal e as culturas de ostras perderam-se; mas, ainda no fim de Maio, a apanha de algas pôde ser retomada e a pesca não foi seriamente afectada. O prejuízo sofrido pela biomassa costeira foi considerável; o futuro dirá quais os efeitos que perdurarão a longo prazo.

24. O maior derrame de petróleo ocorreu com a explosão da plataforma de exploração «IXTOC I» no golfo do MÉXICO em 3 de Junho de 1979. Na fase inicial foram vertidas no mar cerca de 4 mil toneladas de petróleo por dia. Os esforços empreendidos para estancar o derrame só lograram êxito nove meses mais tarde, no dia 24 de Março de 1980, em que o furo ficou vedado por um bloco de cimento de 30 toneladas. Em resultado, o vertimento totalizou cerca de meio milhão de toneladas. O prejuízo foi considerável, bem como o montante despendido em medidas de limpeza. Em Outubro de 1980, os jornais anunciaram que a recuperação do golfo do MÉXICO fora mais rápida do que se esperava e que a actividade piscatória e a indústria do turismo regressavam gradualmente à normalidade ⁽¹⁰⁾.
25. Em 1978, o número de navios que sulcava os oceanos era cerca de 38 300 a que correspondia uma tonelagem aproximada de 384 milhões de toneladas. A tonelagem dos petroleiros representava 46% do total; dos transportadores de gás liquefeito, 1,4% e dos transportadores de substâncias químicas, 0,5% ⁽¹¹⁾. Embora os navios transportadores de gases liquefeitos e de substâncias químicas signifiquem uma pequena parcela da tonelagem mundial, a perigosidade da mesma carga constitui uma fonte de preocupação para os Estados costeiros.
26. O desenvolvimento dos portos e de áreas para actividades de recreio suscita preocupações relativas ao uso indevido de margens e leitos, através do lançamento de dragados, aterros e destruição de sapais, salgados e outras zonas húmidas que, além de constituírem *habitats* privilegiados de desova e de desenvolvimento de espécies importantes na dieta alimentar humana, contribuem significativamente para descontaminar o meio marinho.

⁽¹⁰⁾ In «Mexican Offshore Blow-Out Rivals Ekofisk», *Marine Pollution*, 8, 1979.

⁽¹¹⁾ In «Sea Transport», por P. M. Alderton, Thomas Reed Publications Ltd, London, 1980.

27. O Grupo Conjunto de Peritos sobre Aspectos Científicos da Poluição Marinha da IMO / FAO / UNESCO / WMO / WHO / IAEA / UN / UNEP, conhecido abreviadamente por GESAMP, definiu poluição marinha como a introdução pelo homem, directa ou indirectamente, de substâncias ou de energia no meio marinho de que resultem efeitos deletérios, tais como: prejuízo para os organismos vivos; perigo para a saúde humana; obstáculo ao exercício de actividades de uso do mar, incluindo a pesca; degradação da qualidade da água do mar; e diminuição das actividades de recreio ⁽¹²⁾.
28. Da introdução de substâncias prejudiciais no meio marinho, podem resultar os seguintes efeitos para os seres vivos:
 - a. *A toxicidade* reduz o número de organismos marinhos, influencia o metabolismo, o processo de fotossíntese e a reprodução e altera o comportamento;
 - b. *A acumulação* nos tecidos pode resultar da necessidade que têm os organismos marinhos de disporem de algumas dessas substâncias para desencadear processos bioquímicos ainda mal compreendidos, especialmente na síntese de vitaminas e enzimas. Sucede, porém, que esses organismos são tóxicos e como tal não devem ser consumidos;
 - c. *A persistência* ou a resistência dessas substâncias ao impacto químico, fotoquímico e microbiológico do meio marinho. O único processo eficaz para eliminar os efeitos da persistência consiste em sepultar esses poluentes por meio de sedimentação, isolando-os da biosfera.
 - d. *A cancerigenidade* ou a possibilidade de ocorrência de cancro;
 - e. *A teratogenia* ou a probabilidade de ocorrência de deformações à nascença;
 - f. *A mutagenia* ou a possibilidade de ocorrência de alterações no complemento genético.
29. É importante referir que a maior fonte de poluição marinha, que contribui com cerca de 80% da totalidade, é resultante de actividades baseadas em terra, designadamente descargas industriais (directas por efluentes líquidos e indirectas por resíduos sólidos e efluentes gasosos),

⁽¹²⁾ In «Impact of Oil on the Marine Environment», *GESAMP Reports and Studies*, 6, FAO, Roma, 1977.

resíduos agrícolas e efluentes domésticos, vertidos sob forma líquida, e os seus resíduos sólidos lançados no mar.

30. Os efluentes domésticos são essencialmente constituídos por substâncias orgânicas biodegradáveis, compostos orgânicos persistentes, organismos patogénicos, metais pesados, detergentes e calor.
31. Os efeitos resultantes da introdução no meio marinho de efluentes domésticos, que não sejam tratados, são os seguintes:
 - a. A matéria orgânica biodegradável reduz o teor de oxigénio e gera condições adversas à conservação das comunidades existentes;
 - b. Apesar do efeito bactericida da água do mar reduzir a vitalidade e quantidade de organismos patogénicos, subsiste o risco de infecção para os banhistas e consumidores de moluscos;
 - c. A fertilização forçada do meio marinho por nitratos, fosfatos e outros sais indispensáveis ao desenvolvimento de plantas e introduzidos por efluentes domésticos, industriais e detritos agrícolas, intensifica a produtividade, criando matéria orgânica indesejável e reduzindo o teor de oxigénio dissolvido. Este processo recebe o nome de *eutrofização*;
 - d. O elevado grau de toxicidade dos detergentes e metais pesados;
 - e. Dentro dos limites da adaptação dos organismos, uma elevação de temperatura do meio ambiente intensifica o consumo de oxigénio e pode alterar a composição das comunidades;
 - f. As comunidades naturais que vivem nas proximidades dos edutores urbanos sofrem uma lenta mudança, com substituição dos organismos mais sensíveis por outros resistentes e consequente diminuição da sua diversidade.
32. É evidente que os efluentes domésticos devem sofrer um tratamento adequado antes do seu lançamento no meio receptor. Contudo, admite-se que em zonas costeiras abertas, mexidas, bem oxigenadas e transparentes à penetração da luz solar, seja possível efectuar o lançamento de substâncias orgânicas biodegradáveis desde que tenham sido previamente depuradas dos outros componentes.
33. Os resíduos industriais podem ser quimicamente tão diversificados como os produtos obtidos. A escala do problema posto por este simples enunciado pode ser aferida do modo seguinte: segundo estimativa apreciada

- em 1978, estariam identificadas cerca de 4 milhões de substâncias químicas e este número seria aumentado ao ritmo de 6000 por semana; segundo a mesma fonte, estariam comercializadas cerca de 63 000! A magnitude do problema acentua-se se se considerar que a maior parte destas substâncias é encaminhada para o meio marinho e que de relativamente poucas se dispõe de determinações da sua toxicidade; aliás, o ritmo de identificação de novas substâncias químicas é tal que o conjunto de laboratórios, orçamentos e pessoal qualificado existente é inadequado para assegurar os estudos de impacto das novas substâncias, empenhado como está na caracterização dos produtos comercializados ⁽¹³⁾.
34. Em seguida apresentam-se algumas substâncias que têm merecido uma atenção especial da Organização Mundial de Saúde (WHO) e da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).
 35. O mercúrio é perigoso para a saúde humana como ficou demonstrado pelos casos mortais e de invalidez ocorridos na cidade japonesa de MINAMATA, entre 1953 e 1958, em consequência do consumo de pescado contaminado por efluentes industriais. A contribuição antrópica para a contaminação do meio marinho pelo mercúrio é insignificante numa escala global: a produção anual apresenta 0,1% do mercúrio existente no oceano. No entanto, numa escala regional essa poluição ganha significado, atendendo à afinidade especial do mercúrio para se acumular em organismos vivos e sedimentos; neste sentido foram tomadas medidas a nível europeu para limitar tal contaminação, impondo restrições às fontes para que, por exemplo, o teor de mercúrio no tecido muscular do pescado não ultrapasse 0,3 mg/kg. Para prosseguir neste esforço, torna-se ainda necessário depurar convenientemente os efluentes líquidos urbanos onde são vertidos resíduos odontológicos, laboratoriais, de instrumentos e lâmpadas, entre outros.
 36. O cádmio é um metal pesado de elevada perigosidade para o homem por ser insuficientemente eliminável, acumulando-se nos tecidos ósseos. Em 1972, uma comissão de peritos da WHO e da FAO chegou a uma conclusão preliminar sobre a dosagem de cádmio tolerada pelos seres humanos: 0,5 mg por pessoa e por semana. O cádmio vertido no meio marinho por actividades industriais e agrícolas acumula-se especialmente em moluscos, podendo constituir um risco para os seus apreciadores.

⁽¹³⁾ In «Chemicals: How Many Are There?», por T. H. Maugh II, *Science*, 199, 1978.

Segunda: Essas possibilidades existem na natureza humana e só um em cada dez resiste à violação psíquica.

Terceira: A violação psíquica colectiva faz-se sem que a isso nada se oponha.

Fiquei na altura surpreendido com estas conclusões, muito especialmente com a percentagem de resistentes apresentada, e tenho meditado sobre elas ao longo dos anos. Não sei se serão totalmente verdadeiras.

Mas uma coisa eu concluí com a experiência da guerra psicológica que sofremos nos últimos vinte e sete anos, especialmente no período agitado dos últimos sete:

É muito grande a vulnerabilidade e inconstância da alma humana. E é muito grande a inconsciência acerca destes problemas.

Só espíritos fortes e bem formados são capazes de colocar os altos valores da humanidade e da Pátria acima dos seus interesses pessoais; de aceitar a verdade e a realidade, mesmo quando elas lhes são adversas e desfavoráveis. E essa característica não é privilégio das classes mais incultas. Encontram-se homens fortes e homens fracos, com personalidade e sem personalidade, desde os analfabetos aos sábios.

Há, infelizmente, muitos seres humanos com justas razões de revolta. São, inevitavelmente, sensíveis à «derivação» (ou «transusão») que se faça do seu natural descontentamento.

Muitos seres humanos, porém, sem grandes razões de queixa quanto ao nível e qualidade de vida de que disfrutam, vivem dominados por uma ambição desmedida do dinheiro, pela ganância do poder, numa palavra, pelo individualismo (tão característico dos portugueses) e, por isso, caem com frequência no oportunismo conformista que possa conduzi-los rápida e facilmente aos seus objectivos.

A maior crise das nações do Ocidente, incluindo o nosso país, é, realmente, de forças morais.

Em tal contexto tem de reconhecer-se a posição determinante do elemento psicológico.

Nesta guerra psicológica as reacções das nações ocidentais têm-se mostrado desconexas e desadaptadas. Responde-se às acções de guerra revolucionária mais por intuição e improviso ocasional do que por premeditação e planeamento.

Há que, a par da estratégia directa da dissuasão nuclear, preparar a resposta conveniente à estratégia indirecta da guerra revolucionária.

E pode fazer-se tudo isso com total respeito pelos direitos e liberdades.

Até mais: deve fazer-se tudo isto em defesa desses valores.

Mas é necessário que uma tomada de consciência não tarde! De contrário poderá vir a ter actualidade a conhecida expressão do General Mac Arthur: «A história do fracasso na guerra pode ser resumida em duas palavras: 'Demasiado tarde'.»

Meus Senhores:

Se uma das conclusões deste curso vier a ser a verdadeira natureza da guerra que assola o Mundo e na qual, há muito, nós temos estado envolvidos, julgo que o IDN cumpriu a sua missão.

E se eu, nestas breves e simples palavras, ao abordar o tema da Estratégia Psicológica, tiver contribuído, de alguma forma, para a consecução desse objectivo, confesso: sinto-me feliz com isso.

José Luís Almiro Canêlhas

General